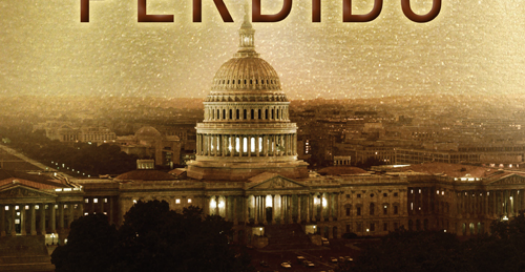


AUTOR DO MEGA-SELLER *O CÓDIGO DA VINCI*

DAN  
BROWN



O SÍMBOLO  
PERDIDO



Título original: *The Lost Symbol*  
Copyright © 2009 por Dan Brown  
Copyright da tradução © 2009 por Editora Arqueiro Ltda.  
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro  
pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes  
sem autorização por escrito dos editores.

Este livro é uma obra de ficção. Os personagens e os diálogos foram criados  
a partir da imaginação do autor e não são baseados em fatos reais.  
Qualquer semelhança com acontecimentos ou pessoas,  
vivas ou mortas, é mera coincidência.

*tradução:* Fernanda Abreu

*preparo de originais:* Fabiano Moraes e Virginie Leite

*revisão:* Giuliana Alonso, Joana Faro, Luis Américo Costa,  
Sheila Til e Tereza da Rocha

*projeto gráfico e adaptação de capa:* Ana Paula Daudt Brandão

*diagramação:* Abreu's System

*capa:* Henry Steadman

*imagem de capa:* Vincent Ricardel

*impressão e acabamento:* Associação Religiosa Imprensa da Fé

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

B897s     Brown, Dan, 1964-  
              O símbolo perdido / Dan Brown; tradução Fernanda  
              Abreu. – [2. ed]. – São Paulo: Arqueiro, 2021.  
              640 p. ; 20 cm.

Tradução de: *The lost symbol*  
ISBN 978-65-5565-069-3

1. Ficção americana. I. Abreu, Fernanda. II. Título.

20-67581

CDD: 813  
CDU: 82-3(73)

---

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br  
www.editoraarqueiro.com.br

**Para Blythe**

# Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos a três amigos queridos com quem tenho a grande honra de trabalhar: meu editor, Jason Kaufman; minha agente, Heide Lange; e meu advogado, Michael Rudell. Além disso, gostaria de expressar minha imensa gratidão à Doubleday, a meus editores mundo afora e, é claro, a meus leitores.

Este livro não poderia ter sido escrito sem o generoso auxílio de incontáveis pessoas que compartilharam comigo seus conhecimentos em suas áreas de especialidade. A todos vocês, manifesto meu profundo apreço.

*Viver no mundo sem tomar consciência do significado  
do mundo é como vagar por uma imensa biblioteca  
sem tocar os livros.*

– OS ENSINAMENTOS SECRETOS  
DE TODOS OS TEMPOS

---

## **FATOS**

Em 1991, um documento foi trancado no cofre do diretor da CIA. O documento continua lá até hoje. Seu texto em código inclui referências a um antigo portal e a uma localização subterrânea desconhecida. O documento também contém a frase: “Está enterrado lá em algum lugar.”

Todas as organizações citadas neste romance existem, incluindo a Francomaçonnaria, o Colégio Invisível, o Escritório de Segurança, o Centro de Apoio dos Museus Smithsonian (CAMS) e o Instituto de Ciências Noéticas.

Todos os rituais, informações científicas, obras de arte e monumentos citados neste romance são reais.

---

# Prólogo

*Casa do Templo*  
20h33

*O segredo é saber como morrer.*

Desde o início dos tempos, o segredo sempre foi saber como morrer.

O iniciado de 34 anos baixou os olhos para o crânio humano que segurava com as duas mãos. O crânio era oco feito uma tigela e estava cheio de vinho cor de sangue.

*Beba, disse ele a si mesmo. Você não tem nada a temer.*

Como rezava a tradição, ele havia começado aquela jornada vestido com os trajes ritualísticos de um herege medieval a caminho da forca, com a camisa frouxa deixando entrever o peito pálido, a perna esquerda da calça arregaçada até o joelho e a manga direita enrolada até o cotovelo. De seu pescoço pendia um pesado nó feito de corda – uma “atadura”, como diziam os irmãos. Nessa noite, porém, assim como os companheiros que assistiam à cerimônia, ele estava vestido de mestre.

O grupo que o rodeava estava todo paramentado com aventais de pele de cordeiro, faixas na cintura e luvas brancas. Em volta do pescoço usavam joias cerimoniais que cintilavam à luz mortíça como olhos espectrais. Muitos daqueles homens ocupavam cargos de poder lá fora, mas o iniciado sabia que suas posições mundanas nada significavam entre aquelas paredes. Ali todos eram iguais, irmãos unidos pelo juramento compartilhando um elo místico.

Correndo os olhos pelo impressionante grupo, o iniciado se perguntou quem, no mundo exterior, seria capaz de

acreditar que todos aqueles homens pudessem se reunir em um mesmo lugar... principalmente *naquele* lugar. O recinto parecia um santuário sagrado do mundo antigo.

A verdade, porém, era ainda mais estranha.

*Estou a poucos quarteirões da Casa Branca.*

Aquele edifício colossal, situado no número 1.733 da Rua 16 Noroeste, em Washington, D.C., era a réplica de um templo pré-cristão – o Templo do Rei Mausolo, o primeiro *mausoléu*... um lugar para onde se era levado após a morte. Diante da entrada principal, duas esfinges de 17 toneladas montavam guarda ao lado das portas de bronze. O interior era um labirinto de câmaras ritualísticas, corredores, alcovas secretas, bibliotecas e até mesmo um compartimento contendo os restos mortais de dois corpos humanos. O iniciado havia aprendido que cada cômodo daquele edifício guardava um segredo, mas sabia que nenhum deles ocultava mistérios mais profundos do que os escondidos na câmara colossal na qual se encontrava agora, ajoelhado, segurando um crânio nas mãos.

*A Sala do Templo.*

Sua forma era a de um quadrado perfeito. E o ambiente era sombrio e grandioso. O teto altíssimo se erguia a surpreendentes 30 metros, sustentado por colunas monolíticas de granito verde. Ao redor da sala, fileiras de cadeiras russas de nogueira escura, estofadas com couro de porco trabalhado à mão, estavam dispostas em níveis. Um trono de 10 metros de altura dominava a parede oeste, e um órgão escondido ocupava o lado oposto. As paredes eram um caleidoscópio de símbolos antigos... egípcios, hebraicos, astronômicos, alquímicos e outros ainda desconhecidos.

Nessa noite, a Sala do Templo estava iluminada por uma série de velas minuciosamente posicionadas. Seu brilho fraco era complementado apenas por um facho de luar que entrava pela ampla claraboia do teto jogando luz sobre o elemento mais surpreendente da sala – um imenso altar feito



de um bloco maciço de mármore belga preto polido, situado bem no meio do recinto quadrado.

*O segredo é saber como morrer*, lembrou o iniciado a si mesmo.

– Chegou a hora – sussurrou uma voz.

O iniciado deixou seu olhar subir até o rosto do distinto personagem vestido de branco à sua frente. O *Venerável Mestre Supremo*. O homem, de quase 60 anos, era um ícone norte-americano, estimado, robusto e dono de uma fortuna incalculável. Seus cabelos outrora escuros estavam ficando grisalhos, e o semblante conhecido refletia uma vida inteira de poder e um vigoroso intelecto.

– Preste o juramento – disse o Venerável Mestre, com uma voz suave feito a neve. – Complete sua jornada.

A jornada do iniciado, assim como todas as daquele tipo, havia começado no grau 1. Naquela noite, em um ritual parecido com este de agora, o Venerável Mestre o vendera com uma faixa de veludo e pressionara uma adaga cerimonial contra seu peito nu, indagando:

– Você declara seriamente, pela sua honra, sem influência de motivações mercenárias ou quaisquer outras considerações indignas, candidatar-se de forma livre e espontânea aos mistérios e privilégios desta irmandade?

– Sim – havia mentido o iniciado.

– Então que isso seja um estímulo à sua consciência – alertara o mestre –, bem como a morte instantânea caso algum dia você venha a trair os segredos que lhe serão revelados.

Na época, o iniciado não sentira medo. *Eles jamais saberão meu verdadeiro motivo para estar aqui.*

Nessa noite, porém, uma atmosfera de ameaçadora solenidade pairava na Sala do Templo, levando-o a rememorar todos os avisos severos recebidos durante a jornada, ameaças de punições terríveis caso ele algum dia revelasse os antigos segredos que estava prestes a conhecer: *garganta cortada de orelha a orelha... língua arrancada pela raiz... entranhas removi-*

*das e queimadas, espalhadas aos quatro ventos... coração retirado do peito e jogado aos animais selvagens...*

– Irmão – disse o mestre de olhos cinzentos, pousando a mão esquerda no ombro do iniciado –, preste o juramento final.

Tomando coragem para dar o último passo de sua jornada, o iniciado endireitou o corpo e voltou sua atenção para o crânio que segurava nas mãos. À fraca luz das velas, o vinho cor de carmim parecia quase negro. Um silêncio sepulcral reinava na sala, e ele podia sentir os olhos das testemunhas cravados nele, à espera de que prestasse o juramento final e se unisse àquele grupo de elite.

*Hoje à noite, pensou ele, entre estas paredes, está acontecendo algo que nunca aconteceu antes na história desta irmandade. Nem sequer uma vez em séculos.*

Ele sabia que aquilo seria a faísca... e que lhe daria um poder inimaginável. Cheio de energia, respirou fundo e repetiu as mesmas palavras pronunciadas antes dele por incontáveis homens espalhados por todo o mundo.

*– Que este vinho que agora bebo se transforme em veneno mortal para mim... caso algum dia eu descumpra meu juramento de forma consciente ou voluntária.*

Suas palavras ecoaram no espaço vazio. Então o silêncio foi total.

Firmando as mãos, o iniciado levou o crânio à boca e sentiu os lábios tocarem o osso seco. Fechou os olhos e o inclinou, bebendo o vinho em goles demorados, generosos. Depois de sorver tudo até a última gota, abaixou o crânio.

Por um instante, pensou sentir os pulmões se contraírem, e seu coração começou a bater descompassado. *Meu Deus, eles sabem!* Então, com a mesma rapidez com que havia surgido, a sensação passou.

Um agradável calor começou a percorrer seu corpo. O iniciado soltou o ar, sorrindo consigo mesmo enquanto observava o homem de olhos cinzentos que não desconfiava

de nada e que acabara de cometer o erro de deixá-lo entrar para o círculo mais secreto de sua irmandade.

*Você logo perderá tudo o que lhe é mais precioso.*

## CAPÍTULO 1

O elevador Otis que subia a coluna sul da Torre Eiffel estava lotado de turistas. Em seu interior abarrotado, o austero executivo de terno bem passado baixou os olhos para o menino ao seu lado.

– Você está pálido, filho. Devia ter ficado lá embaixo.

– Estou bem... – respondeu o garoto, esforçando-se para controlar a própria ansiedade. – Vou descer no próximo andar. – *Não consigo respirar.*

O homem chegou mais perto.

– Pensei que a esta altura você já tivesse superado isso. – Ele acariciou com afeto a bochecha do filho.

O menino estava com vergonha por desapontar o pai, mas mal conseguia escutar qualquer coisa, tamanho o zumbido em seus ouvidos. *Não consigo respirar. Preciso sair desta caixa!*

O ascensorista estava dizendo alguma coisa tranquilizadora sobre os pistons articulados e a estrutura de ferro forjado do elevador. Muito abaixo deles, as ruas de Paris se estendiam em todas as direções.

*Estamos quase chegando,* disse o menino para si mesmo, esticando o pescoço e erguendo os olhos para a plataforma de desembarque. *Agente firme.*

À medida que o elevador se aproximava num ângulo acen tuado do deque de observação, o poço se estreitava, e seus enormes tirantes se contraíam formando um túnel apertado, vertical.

– Pai, eu acho que não...

De repente, um estalo abrupto ecoou acima dele. O elevador deu um tranco e pendeu para um dos lados, desequilibrado. Cabos esgarçados começaram a chicotear em volta do compartimento, agitando-se feito cobras. O menino estendeu a mão para o pai.

– Pai!

Durante um segundo aterrorizante, seus olhares se cruzaram. Então o fundo do elevador se soltou.

Robert Langdon teve um sobressalto, despertando assustado daquele sonho diurno semiconsciente. Estava sentado sozinho em sua macia poltrona de couro na imensa cabine de um jatinho corporativo Falcon 2000EX que atravessava aos solavancos uma área de turbulência. Ao fundo, ouvia-se o zumbido constante dos dois motores Pratt & Whitney.

– Sr. Langdon? – O alto-falante chiou acima dele. – Estamos na fase final de aproximação.

Langdon se endireitou no assento e tornou a guardar as notas da palestra dentro da bolsa de viagem de couro. Estava no meio de uma revisão da simbologia maçônica quando havia cochilado. Desconfiava de que o sonho sobre o pai já falecido tivesse sido causado pelo inesperado convite, recebido naquela manhã, de seu antigo mentor, Peter Solomon.

*O outro homem que nunca vou querer decepcionar.*

O filantropo, historiador e cientista de 58 anos havia se tornado o protetor de Langdon quase 30 anos antes, preenchendo sob muitos aspectos o vazio deixado pela morte do pai. Apesar da influente dinastia familiar e da imensa fortuna de Solomon, Langdon encontrou humildade e calor humano em seus suaves olhos cinzentos.

Do lado de fora da janela, o sol havia se posto, mas Langdon ainda podia distinguir a silhueta esguia do maior obelisco do mundo erguendo-se acima do horizonte como a coluna de um antigo relógio de sol. O obelisco de quase

170 metros de altura revestido de mármore marcava o centro daquela nação. A partir dele, a meticulosa geometria de ruas e monumentos se espalhava por todas as direções.

Mesmo vista de cima, Washington exalava um poder quase místico.

Langdon adorava aquela cidade e, quando o jatinho tocou o solo, sentiu uma animação crescente em relação ao que o dia lhe reservava. A aeronave taxiou até um terminal privado em algum lugar em meio à vastidão do Aeroporto Internacional Dulles e parou.

Langdon juntou suas coisas, agradeceu aos pilotos e emergiu do interior luxuoso do jatinho para a escada dobrável. O ar frio de janeiro dava uma sensação de liberdade.

*Respire, Robert*, pensou ele, apreciando os grandes espaços abertos.

Uma manta de bruma branca cobria a pista de pouso e, ao descer para o asfalto enevoado, Langdon teve a sensação de estar pisando em um pântano.

– Olá! Olá! – chamou uma voz melodiosa com sotaque britânico. – Professor Langdon?

Langdon ergueu os olhos e viu uma mulher de meia-idade, de crachá e com uma prancheta na mão, caminhando apressada em sua direção, acenando alegremente enquanto ele se aproximava. Cabelos louros cacheados despontavam de baixo de um estiloso gorro de lã.

– Bem-vindo a Washington, professor!

Langdon sorriu.

– Obrigado.

– Meu nome é Pam, do serviço de atendimento a passageiros. – A mulher falava com uma exuberância quase perturbadora. – Se quiser me acompanhar, seu carro está aguardando.

Langdon a seguiu pela pista em direção ao terminal exclusivo, cercado por reluzentes jatinhos privados. *Um ponto de táxi para os ricos e famosos.*

– Sem querer constrangê-lo, professor – disse a mulher,

um pouco encabulada –, mas o senhor é o Robert Langdon que escreve livros sobre símbolos e religião, não é?

Langdon hesitou, mas assentiu com a cabeça.

– Bem que eu achei! – disse ela, radiante. – Meu grupo de leitura leu o seu livro sobre o sagrado feminino e a Igreja! Ele provocou um escândalo delicioso! O senhor gosta mesmo de soltar a raposa no galinheiro!

Langdon sorriu.

– Criar escândalo não foi bem a minha intenção.

A mulher pareceu perceber que Langdon não estava disposto a conversar sobre o próprio trabalho.

– Desculpe. Olhe eu aqui falando. Sei que o senhor provavelmente está cansado de ser reconhecido... mas a culpa é toda sua. – Com ar brincalhão, ela indicou as roupas que ele usava. – O seu uniforme o entregou.

*Meu uniforme?* Langdon baixou os olhos para examinar as próprias roupas. Estava usando seu suéter grafite de gola rolê, um paletó de tweed Harris, uma calça cáqui e sapatos fechados de couro de cabra... seu traje padrão para aulas, palestras, sessões de fotos e eventos sociais.

A mulher riu.

– Essas golas rulês que o senhor usa são muito fora de moda. O senhor ficaria bem melhor de gravata!

*De jeito nenhum,* pensou Langdon. *Pequenas forcas.*

Quando Langdon estudava na Academia Phillips Exeter, o uso da gravata era obrigatório seis dias por semana e, apesar da visão romântica do diretor, segundo a qual a origem da gravata remontava à *fascalía* de seda usada pelos oradores romanos para aquecer as cordas vocais, Langdon sabia que, do ponto de vista etimológico, *gravata* na verdade vinha de um bando de cruéis mercenários croatas que amarravam lenços em volta do pescoço antes de partir para a batalha. Até hoje, esse antigo traje de combate é usado por guerreiros corporativos modernos, que esperam intimidar os inimigos nas batalhas diárias das salas de reunião.

– Obrigado pelo conselho – disse Langdon com uma risadinha. – Daqui para a frente, vou pensar em usar gravata.

Por sorte, um homem de aspecto profissional vestindo um terno escuro desceu de um Lincoln estacionado junto ao terminal e chamou seu nome:

– Sr. Langdon? Sou Charles, da Beltway Limusines. – Ele abriu a porta traseira. – Boa noite. Bem-vindo a Washington.

Langdon deu uma gorjeta a Pam para lhe agradecer pela receptividade e, em seguida, entrou no interior luxuoso do carro. O motorista lhe mostrou os controles da calefação, a água mineral e o cesto de *muffins* quentinhos. Segundos depois, o Lincoln já seguia por uma rua de acesso exclusivo. *Então é assim que vive a outra metade.*

Enquanto disparava pela Windsock Drive, o motorista consultou a lista de passageiros e deu um telefonema rápido.

– Aqui é da Beltway Limusines – disse ele, com eficiência profissional. – Recebi instruções para confirmar quando meu passageiro tivesse aterrissado. – Ele fez uma pausa. – Sim, senhor. Seu convidado, Sr. Langdon, já chegou e eu o estou levando para o prédio do Capitólio. Devemos chegar lá antes das sete. De nada, senhor. – E desligou.

Langdon teve de sorrir. *Ele pensou em todos os detalhes.* A atenção que Peter Solomon dedicava às minúcias era uma de suas maiores qualidades, algo que lhe permitia administrar com aparente facilidade seu considerável poder. *Alguns bilhões de dólares no banco também não fazem mal.*

O professor se acomodou no confortável assento de couro e fechou os olhos à medida que o ruído do aeroporto ia ficando para trás. O trajeto até o Capitólio demoraria meia hora, e ele ficou satisfeito por ter esse tempo sozinho para organizar os próprios pensamentos. Tudo havia acontecido tão depressa naquele dia que só agora Langdon tinha começado a pensar a sério na incrível noite que tinha pela frente.

*Chegando sob um véu de mistério,* pensou ele, divertindo-se com a ideia.

A pouco mais de 15 quilômetros do Capitólio, uma figura solitária se preparava ansiosamente para a chegada de Robert Langdon.

## CAPÍTULO 2

O homem que se apresentava como Mal'akh pressionou a ponta da agulha no couro cabeludo raspado, suspirando de prazer enquanto o instrumento pontiagudo entrava e saía de sua pele. O leve ronco do aparelho elétrico era viciante... assim como as espetadelas da agulha que penetrava profundamente em sua derme para ali depositar o pigmento.

*Eu sou uma obra-prima.*

O objetivo da tatuagem nunca foi a beleza. O objetivo era a *mudança*. Desde os sacerdotes núbios escarificados de 2000 a.C. até as cicatrizes *moko* dos maoris modernos, passando pelos acólitos tatuados do culto a Cibele na Roma antiga, os seres humanos vinham se tatuando como uma forma de oferta, um sacrifício parcial do próprio corpo, suportando a dor física do embelezamento e sendo por ela transformados.

Apesar dos avisos ameaçadores em Levítico 19:28, que proíbem marcas na pele, as tatuagens se tornaram um rito de passagem compartilhado por milhões de pessoas na era moderna – de adolescentes mauricinhos a viciados em drogas e donas de casa suburbanas.

O ato de tatuar a própria pele era uma transformadora declaração de poder, um anúncio ao mundo: *Eu tenho controle sobre a minha própria carne*. A embriagante sensação de poder advinda dessa transformação física deixara milhares de pessoas viciadas em práticas de alteração corporal – cirur-



gia plástica, piercings, fisiculturismo, anabolizantes e até mesmo bulimia e mudança de sexo. *O espírito humano anseia por dominar seu invólucro carnal.*

O relógio de pêndulo de Mal'akh deu uma única badalada, e ele ergueu os olhos. Seis e meia da tarde. Deixando as ferramentas de lado, envolveu o corpo nu de 1,90m no roupão de seda japonês de Kiryu e desceu o corredor. O ar dentro da grande mansão estava pesado com o aroma pungente de seus pigmentos para a pele e da fumaça das velas de cera de abelha que ele usava para esterilizar as agulhas.

Ao atravessar o corredor, o homem alto passou por antiguidades italianas de preço inestimável – uma água-forte de Piranesi, uma cadeira Savonarola, uma lamparina de prata Bugarini. Enquanto andava pela casa, olhou por uma janela que ia do chão até o teto para admirar o contorno clássico da paisagem distante. O domo luminoso do Capitólio reluzia com um poder solene contra o céu escuro de inverno.

*É lá que ele está escondido, pensou. Está enterrado lá em algum lugar.*

Poucos eram os homens que sabiam da sua existência... e mais raros ainda os que conheciam seu impressionante poder ou a forma engenhosa como havia sido escondido. Até hoje, era o maior segredo não revelado daquele país. Os poucos que *de fato* conheciam a verdade mantinham-na oculta atrás de um véu de símbolos, lendas e alegorias.

*Agora eles abriram suas portas para mim, pensou Mal'akh.*

Três semanas antes, em um ritual obscuro testemunhado pelos homens mais influentes dos Estados Unidos, Mal'akh havia alcançado o grau 33, o mais alto escalão da mais antiga irmandade ainda ativa no mundo. No entanto, apesar da nova posição de Mal'akh, os irmãos nada haviam revelado. *E nem vão contar*, sabia ele. Não era assim que funcionava. Havia círculos dentro de círculos... irmandades dentro de irmandades. Mesmo que Mal'akh esperasse muitos anos, talvez nunca viesse a conquistar sua total confiança.

Felizmente, não precisava disso para descobrir seu mais bem guardado segredo.

*Minha iniciação cumpriu seu objetivo.*

Animado com o que estava por vir, ele seguiu a passos largos até seu quarto. Espalhados por toda a casa, alto-falantes transmitiam os sons fantasmagóricos de uma rara gravação de um castrato cantando o “Lux Aeterna” do *Réquiem* de Verdi – um lembrete de uma vida anterior. Mal’akh acionou o controle remoto para fazer soar o tonitruante “Dies Irae”. Então, embalado por um fundo musical de furiosos tímpanos e quintas paralelas, subiu em disparada a escadaria de mármore, com o roupão esvoaçando conforme galgava os degraus com as pernas musculosas.

Enquanto corria, sua barriga vazia reclamou com um ronco. Já fazia dois dias que Mal’akh estava em jejum, bebendo apenas água, preparando o corpo segundo os antigos costumes. *A sua fome será saciada ao raiar do dia*, lembrou a si mesmo. *Assim como a sua dor.*

Mal’akh adentrou o santuário de seu quarto com uma atitude de reverência, trancando a porta atrás de si. Enquanto seguia em direção ao toucador, parou, sentindo-se atraído pelo enorme espelho dourado. Incapaz de resistir, virou-se para encarar o próprio reflexo. Vagarosamente, como quem desembulha um precioso presente, abriu o roupão para revelar o corpo nu. A visão o deixou maravilhado.

*Eu sou uma obra-prima.*

Seu imenso corpo estava todo raspado e liso. Ele baixou os olhos primeiro para os pés, tatuados com as garras de um gavião. Mais acima, as pernas musculosas desenhadas como pilastras esculpidas em relevo – a esquerda em espiral, a direita com estrias verticais. *Boaz e Jaquim*. A virilha e o abdômen eram um arco decorado, acima do qual o peito forte exibia o brasão da fênix de duas cabeças... ambas em perfil, com os olhos aparentes formados por seus mamilos. Os ombros, o pescoço, o rosto e a cabeça raspada estavam

completamente tomados por uma intrincada tapeçaria de símbolos e marcas.

*Eu sou um artefato... um ícone em construção.*

Dezoito horas antes, um mortal tinha visto Mal'akh nu. O homem soltara um grito de medo.

– Meu Deus, você é um demônio!

– Se é assim que você me vê... – havia respondido Mal'akh, ciente, como os antigos, de que anjos e demônios eram idênticos, arquétipos intercambiáveis, e de que tudo era uma questão de polaridade: o anjo guardião que derrotava o inimigo no campo de batalha era considerado por ele um demônio destruidor.

Mal'akh então inclinou o rosto para baixo, obtendo uma visão oblíqua do próprio cocuruto. Ali, dentro do halo que parecia uma coroa, reluzia um pequeno círculo de pele clara, sem tatuagem. Aquela tela cuidadosamente preservada era o único pedaço de pele virgem do corpo de Mal'akh. O lugar sagrado vinha aguardando pacientemente... e naquela noite seria preenchido. Embora Mal'akh ainda não tivesse em mãos aquilo de que precisava para completar sua obra-prima, sabia que a hora estava se aproximando depressa.

Empolgado com o próprio reflexo, já podia sentir seu poder aumentar. Fechou o roupão e andou até a janela, olhando novamente para a cidade mística à sua frente. *Ele está enterrado lá em algum lugar.*

Tornando a se concentrar na tarefa em questão, Mal'akh foi até a penteadeira e, com cuidado, cobriu o rosto, o couro cabeludo e o pescoço com uma camada de corretivo até as tatuagens sumirem. Então vestiu as roupas e outros acessórios especiais que havia preparado meticulosamente para aquela noite. Ao terminar, examinou-se no espelho. Satisfeito, alisou o couro cabeludo com a palma suave de uma das mãos e sorriu.

*Ele está lá, pensou. E hoje à noite um homem vai me ajudar a encontrá-lo.*

Enquanto saía de casa, Mal'akh se preparava para o acon-

tecimento que abalaria o prédio do Capitólio dos Estados Unidos naquela noite. Fizera um esforço imenso para colocar todas as peças em seus devidos lugares.

E agora, finalmente, seu último peão havia entrado no jogo.

## CAPÍTULO 3

Robert Langdon estava ocupado relendo suas fichas de anotações quando o barulho dos pneus do carro mudou de tom. Ele ergueu os olhos, surpreso ao ver onde estavam.

*Já chegamos à Memorial Bridge?*

Largou as anotações e olhou para fora, fitando as águas mansas do Potomac que corriam logo abaixo. Uma bruma pesada pairava sobre a superfície do rio. Aquele local, muito apropriadamente chamado de Foggy Bottom, sempre lhe parecera singular para se construir a capital do país. De todos os lugares do Novo Mundo, os pais fundadores haviam escolhido um brejo lamacento à beira de um rio para assentar a pedra angular de sua sociedade utópica.

Langdon olhou para a esquerda, para além da pequena enseada conhecida como Tidal Basin, em direção à silhueta graciosamente arredondada do Jefferson Memorial – o monumento em homenagem a Jefferson que muitos chamavam de Panteão dos Estados Unidos da América. Bem na frente do carro, um segundo monumento, o Lincoln Memorial, se erguia com rígida austeridade, lembrando com suas linhas ortogonais o antigo Partenon de Atenas. Mas foi mais adiante que Langdon viu a peça central da cidade – a mesma coluna que avistara do céu. Sua inspiração arquitetônica era muito, muito mais antiga do que os romanos ou os gregos.

*O obelisco egípcio dos Estados Unidos.*



**POP** (*s.m.*)

popular, relativo ao público geral,  
conveniente à maioria das pessoas,  
aceito ou aprovado pela maioria.

**CHIC** (*adj.*)

elegante, gracioso, que se destaca  
pelo bom gosto e pela ausência  
de afetação, preparado com  
cuidado e com esmero.

A coleção Pop Chic é nossa maneira de reafirmar a crença de que milhões de brasileiros desejam e poderão ler mais se oferecermos nossas melhores histórias em livros leves e fáceis de carregar, impressos em papel de qualidade, com texto em tamanho agradável aos olhos e preços acessíveis.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

